

**ATIVIDADE FÍSICA ADAPTADA EM UMA INSTITUICAO ESPECIALIZADA
NO ATENDIMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA MENTAL DA
CIDADE DE MACEIÓ/AL**

Thiago H. M. de Lima
Flávio A. P. de Melo
David dos S. Calheiros
Neiza de L. F. Fumes

RESUMO

Procurou-se analisar a atividade física adaptada em uma instituição especializada no atendimento da pessoa com deficiência mental da cidade de Maceió/AL. Foi uma pesquisa de natureza qualitativa, na qual participaram 2 professores e 2 instrutores que atuam na área. Os professores possuíam diferentes níveis de formação, 2 com nível superior e 2 com capacitações técnicas. A instituição apresentava diferentes critérios de agrupamento dos alunos, as atividades eram realizadas com frequência e planejadas anual e semestralmente. A instituição possuía uma diversidade de atividades e conseguia atender considerável número de alunos.

Palavras chave: Deficiência mental, Atividade física adaptada, Instituição especializada.

ABSTRACT

The aim was to analyze Adapted Physical Activity (APA) in a specialized institution in the person with mental disability of Maceio city/AL. It was a research of qualitative nature, in APA staff took part (2 teachers and 2 instructors). The staff members had different formation levels: 2 were Physical Education teachers and 2 were instructors and had just technical trainings. The institution presented different criteria to arrange the students to practice APA and the activities were accomplished frequently and planned annual and semesterly. The institution provided a diversity of activities and attended considerable number of students.

Words key: Mental disability, adapted physical Activity, Specialized Institution.

RESUMEN

Hemos objetivo tratado de examinar la actividad física adaptada en una institución especializada en la atención de las personas con discapacidad mental de la ciudad de Maceió/AL. Fue una investigación de naturaleza cualitativa, de los cuales 2 profesores y 2 instructores que trabajan en la escuela. Los profesores tienen diferentes niveles de formación, 2 con nivel superior y 2 con capacitación técnica. La institución había diferentes criterios de formación de clases de estudiantes, y las actividades se realizaban con frecuencia anuales y mensales previstas. La institución cuenta con una diversidad de actividades y podría atender gran número de estudiantes.

Palabras clave: discapacidad mental, actividad física adaptada, institución especializada.

INTRODUÇÃO

Poucas são as oportunidades dadas às pessoas com deficiência no Brasil e no mundo para se engajarem em atividades esportivas, seja com objetivo de movimentar-se, jogar ou praticar um esporte ou atividade física regular (MELO; LÓPEZ, 2002). Apesar das grandes dificuldades que as pessoas com deficiência ainda tem que enfrentar para ter acesso às práticas esportivas, recreacionais e de lazer, sem que sejam olhadas com dúvidas e receios, não é recente a trajetória da atividade física adaptada no mundo. Costa e Sousa (2004) consideram que o esporte adaptado foi criado na cidade de Aylesbury, Inglaterra, com o neurologista Ludwig Guttmann, que a pedido do governo britânico criou o Centro Nacional de Lesionados Medulares, do Hospital de Stoke Mandeville, destinado a tratar homens e mulheres do Exército inglês, feridos na II Guerra Mundial. Em 1945, Guttmann ainda foi o responsável por dar início ao primeiro programa de esporte em cadeira de rodas neste mesmo hospital.

No entanto, apesar de Guttmann aparecer como o precursor do esporte adaptado em meados da década de 1940, os primeiros registros de esporte para pessoas com deficiências foram encontrados bem antes a esses acontecimentos. Mais especificamente, em 1918, na Alemanha, com um grupo de soldados alemães que possuíam deficiências físicas, também decorrentes de lesões ocorridas na guerra. Eles se reuniam para praticar tiro e também arco e flecha (ITANI; ARAÚJO; ALMEIDA, 2004). Nesse sentido, segundo Adams et al (1985), a guerra, com todos os seus horrores, ironicamente, trouxe às pessoas com deficiência algo melhor do que elas possuíam anteriormente.

No caso da pessoa com deficiência mental, conforme coloca Leitão (2002), o esporte é um importante meio no processo de desenvolvimento e reconhecimento destas pessoas, considerando que ela proporciona o incentivo para o crescimento pessoal, a ampliação do seu universo de ação e com isso, o favorecimento da autonomia. Ao falar da prática esportiva, no caso a praticada na escola, o professor é fator sempre presente. Neste sentido, Carmo, citado por Leitão (2002, p.73), coloca que:

Poucos são os professores de educação física que ainda duvidam das possibilidades de as pessoas com deficiências praticarem algum tipo de atividade, seja esportiva, recreativa ou de lazer.

No Brasil, a popularização da atividade física adaptada começa, de maneira sutil, somente em 1970. Segundo Mauerberg de-Castro (2005), nesta época é possível notar uma preocupação com a atividade física e esporte para a pessoa com deficiência, principalmente as que estavam frequentando a escola. Mas, só nos anos 1980 é que começou a preocupação com a formação do professor de Educação Física, especialmente por causa do Ano Internacional das Pessoas com Deficiência. Ainda de acordo com a autora, percebemos com maior clareza como se deu o processo de formação profissional aqui no Brasil. Diferentemente do observado na América do Norte, onde os investimentos do Governo americano e das Universidades para a formação profissional foram maiores, no Brasil, os programas de formação nas escolas e instituições foram isolados ou informais (voluntários, programas de extensão à comunidade esporádicos, projetos de pesquisas aplicadas) (MAUERBERG DE-CASTRO, 2005, p.49).

Ainda no concernente à formação do professor de Educação Física, mais especificamente na área de Educação Física Adaptada, Cidade e Freitas (2002),

apontam que tal disciplina surgiu oficialmente nos cursos de graduação através da Resolução 3/87 do Conselho Federal de Educação. Segundo Filus e Martins Junior (2004), atualmente, quase todos os cursos de Educação Física dispõem de uma disciplina que trata do assunto. Entretanto, consideram que ainda falta segurança para os profissionais atuarem com os alunos com deficiência, mesmo para aqueles recém formados e que tiveram disciplinas relacionadas à Educação Especial. Com isto, podemos ponderar que ainda há carência de conteúdos relacionados à Educação Especial, nos cursos de Educação Física, como também há necessidade de pensar a diversidade como tema transversal nos cursos de formação inicial, principalmente em um momento no qual a inclusão é um assunto de debate no âmbito escolar.

No que se refere à Educação Física Adaptada, de acordo com Duarte e Werner, citados por Cidade e Freitas (2002, p.01), esta é entendida como:

Uma área da Educação Física que tem como objeto de estudo a motricidade humana para as pessoas com necessidades educativas especiais, adequando metodologias de ensino para o atendimento às características de cada portador de deficiência, respeitando suas diferenças individuais.

A Educação Física Adaptada não envolve somente pessoas com deficiência, mas a todas as crianças ou adultos que possuam uma necessidade especial, que pode ser um caso de obesidade ou mesmo de desnutrição infantil, realidades muito comuns em diversos segmentos da sociedade. Segundo Santos (2000, p.36):

O conceito de necessidades educacionais especiais passou a incluir, além das crianças com deficiência, aquelas que estão experimentando dificuldades temporárias ou permanentes na escola, as que estão repetindo continuamente o ano escolar, as que são forçadas a trabalhar, as que vivem nas ruas ou que moram distantes de qualquer escola, as que vivem em situações de extrema pobreza ou que sejam desnutridas [...].

No caso mais específico da educação física para pessoa com deficiência mental, Winnick (2004) tece alguns comentários a respeito dessa questão. O autor afirma que nos casos de alunos com deficiência mental com limitações leves, esses costumam se sair bem nos esportes e que essa prática pode ser o principal caminho para o sucesso e a auto-estima. Ainda coloca que as atividades de Educação Física para alunos com limitações leves costumam ser as mesmas que as de seus colegas sem deficiências, ou semelhantes a elas, o que não é encontrado com alunos que possuem limitações severas. Segundo Winnick (2004, p. 140), “falando de forma realista, a maioria dos alunos com deficiências severas não consegue realizar, de forma independente, a maior parte das habilidades funcionais adequadas à idade”.

Considerando os diferentes aspectos anteriormente expostos, buscamos neste estudo analisar a área da atividade física adaptada em uma instituição especializada no atendimento da pessoa com deficiência mental na cidade de Maceió.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, a qual considera a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da

produção de conhecimento (FLICK, 2004). Participaram da pesquisa todos os membros da equipe de Educação Física Adaptada da instituição: 2 professores e 2 instrutores..

Para a coleta de dados, foi utilizada a entrevista semi-estruturada. A entrevista foi realizada individualmente pelos pesquisadores envolvidos na pesquisa e gravada na íntegra. O material produzido, depois de digitado, foi retornado aos entrevistados para que esses verificassem e fizessem as modificações, caso considerassem necessárias. Além da entrevista, foi utilizada a análise documental, especificamente do projeto político pedagógico da instituição.

A análise de dados foi feita a partir das seguintes categorias: a) Formação Profissional em Educação Física e dos Instrutores de Esporte e Dança; b) Critérios de formação de grupos; c) Planejamento para aulas.

Análise e discussão dos dados

Pela análise dos dados coletados pudemos verificar que a instituição pesquisada oferecia diversas possibilidades de atividades da cultura corporal de movimento para os seus alunos, nomeadamente Natação, Futsal, Bocha, Basquetebol, Dança, Capoeira e Ballet. De uma maneira mais particular, o professor A ensinava Dança; o instrutor B ensinava Capoeira; a instrutora C ensinava Ballet e a professora D ensinava Natação, Futsal, Bocha e Basquetebol e era a coordenadora de esportes da instituição. Como coordenadora tinha o papel de colaborar no planejamento e na organização das aulas desenvolvidas pela instituição.

Segundo Projeto Político Pedagógico da instituição (2009), os conteúdos deveriam ser trabalhados de maneira equilibrada e adequada e eram divididos em três blocos: a. conhecimento sobre o corpo; b. esportes, jogos, lutas e ginástica; e, c. atividades rítmicas e expressivas. As aulas das diferentes atividades aconteciam durante toda a semana e cada uma delas era desenvolvida com uma frequência de duas a três vezes na semana. Os alunos podiam fazer até duas atividades distintas por semana. Os locais para a realização destas atividades eram variados, podendo ser na própria instituição na qual utilizavam o pátio e uma sala, chamada pelos professores, sala de arte e cultura, a qual possuía espelhos e barras de apoio, som e ventiladores, ou então em espaços externos (quadras poliesportivas, piscinas, ginásio), disponibilizados pelas parcerias firmadas. Para o deslocamento dos alunos até a estes espaços, a instituição contava com um transporte próprio.

Segundo a professora e coordenadora de esportes da instituição (Professora D), os locais eram acessíveis a todos os alunos. Vejamos sua fala:

Os locais são acessíveis. A única questão de acessibilidade era relacionada ao transporte e ao local [a instituição não dispõe de quadras e de espaços alargados para a prática de atividades físicas], que até então não tínhamos conseguido. Mas, conseguimos uma parceria com espaços que desempenham funções esportivas (Professora D).

Formação Profissional em Educação Física e dos Instrutores de Esporte e Dança

Em relação à formação dos profissionais, apesar de apenas 1 destes possuir graduação em Educação Física, todos possuíam formação ou instrução em suas áreas específicas de atuação. Os recortes abaixo expressam tal situação:

Eu tenho curso superior na Faculdade de Alagoas (FAL), em Educação Física, concluído em 2004. Fiz algumas capacitações na área de educação especial, dois cursos pela instituição e outro na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) (Professora D).

Sou coreógrafo, formado pela UFAL (2001), professor de música (2005) pela UFAL, e sou instrutor de teatro. Na instituição especializada que trabalho tem profissionais que realizam estes cursos [na área de Educação Especial] aqui na instituição, mas também fiz fora. (Professor A).

Tenho diploma de instrutora da dança, em Recife-PE. Estudei ballet clássico. Estou nessa área há 30 anos. Tive essa formação na década de 1960, mas não foi nível superior. [...] Fiz também um curso de formação em educação especial feito esse ano (2009) (Instrutora C).

Os instrutores que atuavam no ensino da capoeira e ballet tinham reconhecidamente um conhecimento prático sobre o conteúdo e tinham estado envolvidos pessoalmente com a prática da atividade. Pudemos ainda constatar que toda a equipe tinha participado de alguma formação específica na área da Educação Especial, quer promovida pela própria instituição ou então pela Secretaria Municipal de Educação. O professor B falou de um curso que ele e a instituição promoveram na sua área específica de atuação. Observemos o recorte abaixo:

Ano passado fizemos um curso de capoeira onde trouxemos o mestre Beija-Flor, que é o presidente da associação de capoeira inclusiva. A gente abriu este curso profissionalizante para professores tanto da cidade de Maceió quanto do interior (Instrutor B).

Ao trabalhar com pessoas com deficiência nas aulas de educação física, os profissionais da área devem estar atentos aos conhecimentos específicos de cada deficiência. Nesse sentido, Cidade e Freitas (2002) colocam a importância do conhecimento básico dos professores relativos ao seu aluno com deficiência. O professor deve procurar sempre complementar sua formação, mesmo em seu cotidiano dentro da escola, para que possua maior segurança e tenha um melhor desempenho em sua prática docente.

Critérios de formação de grupos

No que se refere à formação dos grupos de alunos para cada atividade física, percebemos que há dois processos distintos: no primeiro, uma equipe multidisciplinar faz a formação dos grupos e os professores e instrutores não tomam parte deste processo, cabendo-lhes apenas ministrar as aulas para os grupos indicados; e, em segundo, cada profissional da área da Educação Física Adaptada é responsável pela formação dos grupos de alunos que consideram aptos ou não para participar de suas aulas. Neste último caso, parece prevalecer aquelas atividades com objetivos mais de alto rendimento.

Em se tratando da primeira situação, o instrutor B disse:

A equipe multidisciplinar (coordenadora pedagógica, a psicóloga, fonoaudióloga, terapeuta ocupacional, assistente social e psicopedagoga), é que vai colocar o aluno na turma A ou turma B. Eles que determinam as salas que cada aluno vai ficar e eu pego essa turma que já está ali.

Já em relação a outra situação, os professores e os instrutores parecem considerar pontos particulares, que em alguns momentos estão relacionados à idade e em outros ao nível de comprometimento da deficiência do aluno. Vejamos alguns recortes:

Geralmente, a gente vai pelo nível da deficiência e da idade. Os alunos que querem participar participam. Temos várias coreografias separadas que podemos dividir os grupos (Instrutora C).

O que eu divido é a equipe de apresentação. [...] Tem uma equipezinha que vai a 90% dos eventos, que são o pessoal que tocam os instrumentos e são os caras que me ajudam a organizar (Professor B)

Notamos com as falas anteriores, o professor e a instrutora utilizavam critérios de seleção, com o intuito de treinar os participantes e levá-los para apresentações em eventos.

Por outro lado, constatamos ser recorrente na fala dos professores e instrutores o compromisso com a participação de seus alunos nas atividades por ele desenvolvidas. Observemos o que a professora D fala a seguir:

A proposta é que todos participem. Minha proposta sempre foi de incluir todos indistintamente, mas tentamos levar o aluno para o esporte que além dele gostar, que ele se identifique, [...] falo com os pais para saber até que ponto eles tem interesse que seu filho participe. Temos o critério da idade. A deficiência é considerada dependendo da atividade (Professora D).

Assim, notamos que os critérios de seleção para a prática esportiva, no entanto também são consideradas as vontades e as necessidades de participação dos alunos, como ainda as de seus pais e responsáveis.

Planejamento das Aulas

Com relação ao planejamento de aulas pudemos constatar uma verossimilhança das respostas dos entrevistados. Todos eles afirmaram haver uma organização prévia das suas aulas e que na maioria das vezes o plano era discutido semanalmente com a equipe (coordenadora pedagógica e coordenadora de Educação Física), principalmente para analisar o caminho percorrido, as dificuldades observadas e mudanças feitas para se atingir o objetivo que se pretendia. A exceção foi o conteúdo ballet, que a instrutora afirmou participar apenas dos planejamentos semestrais, pois o seu conteúdo exigia um trabalho a longo prazo. Os professores disseram:

O planejamento é feito uma vez por semana. (Professor A)

As aulas de ballet são planejadas semestralmente. Não há uma preparação semanal. É sempre semestral, porque os trabalhos são a longo prazo e são feitos com muitas repetições [...]. (Instrutora C)

O planejamento é feito semanalmente. Mas a gente faz o planejamento anual dentro dos grandes objetivos. Participamos do planejamento eu e a Coordenadora Pedagógica. (Professora D)

Segundo Luckesi (2005, p.105), “O ato de planejar é a atividade intencional pela qual se projetam fins e se estabelecem meios para atingi-los. Por isso, não é neutro, mas

ideologicamente comprometido”. Sendo assim, o professor de educação física deve estar atento às atividades que ele está utilizando no seu ambiente de ensino para melhoria da qualidade de vida de seus alunos.

Ao selecionar atividades para alunos com retardo mental, o professor de educação física deve estar ciente dos jogos, atividades e esportes que agradam as crianças da comunidade e que são oferecidos pelas instituições recreativas da cidade. Essas atividades são boas opções para a aula de educação física. (WINNICK, 2004, p.138).

O professor de educação física deve levar em consideração os fatores individuais e culturais para a seleção de atividades, jogos e esportes para seus alunos. Nesse sentido, devemos considerar o que diz Medina (1990, p.74): “os seres humanos, apesar de guardarem certas semelhanças fundamentais entre si, são muito diferentes uns dos outros”.

Considerações Finais

Ao analisar como a atividade física adaptada se desenvolve em uma instituição especializada no atendimento do aluno com deficiência mental, essa demonstrou proporcionar uma variedade de atividades para os frequentadores. Em relação à equipe de Educação Física Adaptada, nem todos tinham formação superior e a minoria tinha formação na área da Educação Física. Nenhum deles tinha especialização em Educação Física Adaptada.

As estratégias de formação dos grupos de alunos é um ponto que ainda merece maior atenção dos professores da instituição estudada, para que não se tenha dúvidas em que grupo o aluno deve ser colocado.

Com esse trabalho gostaríamos de chamar a atenção dos profissionais e gestores de instituições que trabalham no atendimento do aluno com deficiência, seja a escola regular ou a especializada, para um ponto sempre inquietante quando se fala de educação, ainda mais a da de pessoas com deficiência: a formação profissional. Esta deve ocorrer de forma contínua para que os profissionais tenham condições de realizar plenamente as suas atribuições e com isto alcançar os melhores resultados para o seu planejamento e os objetivos estabelecidos. Desta maneira, é fundamental que as instituições de ensino invistam na formação de seus profissionais e no caso específico das instituições especializadas haja a abordagem de temas relacionados à área de educação especial e também sejam fornecidas orientações enfocando o atendimento da pessoa com deficiência para os demais funcionários.

Referências

ADAMS, R. C. et. al. Jogos, Esportes e Exercícios para o Deficiente Físico. 3ed. São Paulo, Manole, 1985.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. Educação Física e Inclusão: considerações para a prática pedagógica na escola. 2002. Disponível em:<<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/inclusao.pdf>> Acesso em: 15 de Março de 2009.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação Física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. Rev. Bras. de C. do Esp., v. 25, n. 3, p. 27-42, maio, 2004.

- FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 2ª ed. – Porto Alegre: Bookman, 2004.
- LEITÃO, M. T. K.. Perspectiva de atuação profissional: um estudo de caso das olimpíadas especiais. Campinas, SP, 2002 [dissertação] UNICAMP.
- LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. Ed. 17 – São Paulo: Cortez, 2005.
- MAUERBERG de-CASTRO, E. M. Atividade Física Adaptada. Ribeirão Preto, SP: Tecmed, 2005.
- MEDINA, J. P. S. A Educação Física Cuida do Corpo – e “Mente”. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- MELO, A. C. R.; LÓPES, R. F. A. O esporte adaptado. Revista Digital, ano 8, n. 51, Buenos Aires, 2002.
- SANTOS, M. P. Educação inclusiva e a declaração de Salamanca: conseqüências ao sistema educacional brasileiro. Revista integração, ano 10, n. 22, p. 37-40, 2000.
- TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- WINNICK, J. P. Educação Física e Esportes Adaptados. Barueri, SP: Manole, 2004.

Thiago Hallison Medeiros de Lima
Rua: Desembargador Hélio Cabral, 120, Cep: 57043-040
Maceió-AL
thi_mcz@hotmail.com